

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



**Atena**
Editora
Ano 2022

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof.ª Dr.ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof.ª Dr.ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof.ª Dr.ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.ª Dr.ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof.ª Dr.ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof.ª Dr.ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-970-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.704220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezessete artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DA CRIANÇA E O PROCESSO DE MATURAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR E SOCIAL

Weliton Carrijo Fortaleza

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207021>

CAPÍTULO 2..... 9

VIOLÊNCIAS NA ESCOLA: COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES EM UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

Ana Paula Serpa Corrêa

Wanderley da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207022>

CAPÍTULO 3..... 21

A PINTURA A DEDO COMO FACILITADORA DO VÍNCULO COM A CRIANÇA AUTISTA

Thaysa Barbosa Gomes

Eduardo Fraga de Almeida Prado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207023>

CAPÍTULO 4..... 43

OS PROCESSOS DE CONFRONTAÇÃO E SEPARAÇÃO NO ADOLESCENTE À LUZ DA PSICANÁLISE

Ana Carolina Venâncio Nascimento

Taynara Prestes Milessi

Suziani de Cássia Almeida Lemos

Daniela Scheinkman Chatelard

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207024>

CAPÍTULO 5..... 51

A PRESENÇA DO ANALISTA NA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE E A APOSTA DE UMA ESCUTA POSSÍVEL

Darla Moreira Carneiro Leite

Karla Corrêa Lima Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207025>

CAPÍTULO 6..... 59

SUICÍDIO, DEPRESSÃO E MELANCOLIA: UMA ANÁLISE DO FILME 'AS HORAS' A PARTIR DA TEORIA PSICANALÍTICA

Tayna Jacintho

Gustavo Angeli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207026>

CAPÍTULO 7..... 76

DETERMINAÇÃO SOCIAL E ADOECIMENTO PSÍQUICO

Tayla Monteiro Queiroz

Lorena Gomes Fonseca

Roberto Willyam dos Santos Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207027>

CAPÍTULO 8..... 84

SCHEMAS, QUADROS E PAPÉIS: ELEMENTOS PARA UMA PSICOSSOCIOLOGIA COGNITIVA DA PERSUAÇÃO

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

Maria Luísa Miranda Macedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207028>

CAPÍTULO 9..... 101

O PROJETO DE CONTROLE DAS EMOÇÕES PELO TRANSHUMANISMO: UMA ANÁLISE PELA PERSPECTIVA DO EXISTENCIALISMO DE JEAN-PAUL SARTRE

Afonso Henrique Iwata Yamanari

Sylvia Mara Pires de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7042207029>

CAPÍTULO 10..... 110

IMPACTOS DA NECESSIDADE DE ACEITAÇÃO SOCIAL SOB A PERSPECTIVA DA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

Fabio Rodrigues dos Santos Ferreira

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070210>

CAPÍTULO 11..... 120

BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Deise Elen Oliveira dos Santos Reis

Jéssica de Castro Oliveira

Ruberpaulo de Mendonça Ribeiro Filho

Victor Saraiva

Ana Clara Costa Abreu e Lima

Jean Silva Lourenço

Welton Dias Barbosa Vilar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070211>

CAPÍTULO 12..... 126

ATENCIÓN Y APOYOS PARA UNA VIDA DE CALIDAD DE LAS PERSONAS CON

TRASTORNOS DEL ESPECTRO DEL AUTISMO (TEA)

Manoel Baña Castro

Luisa Losada-Puente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070212>

CAPÍTULO 13..... 141

“RITA O PAI SAIU DE CASA E AGORA?”- UMA TÉCNICA TERAPÊUTICA QUE PODE AJUDAR A LIDAR COM A PROBLEMÁTICA DO DIVÓRCIO?

Paula Isabel Gonçalves dos Santos

Joana Cristina Vieira Gomes

Edgar Martins Mesquita

Marta Silva Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070213>

CAPÍTULO 14..... 152

DIVÓRCIO/SEPARAÇÃO: EFEITOS E COMPREENSÃO DOS INDIVÍDUOS DESSE PROCESSO

Andressa Carolayne de Alencar Lima

Myrla Sirqueira Soares

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070214>

CAPÍTULO 15..... 163

O SENTIDO DA VIDA NA ÓTICA DO PACIENTE EM TERAPIA RENAL SUBSTITUTIVA: ASPECTOS PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS

Valdeci Timóteo Martins

Margareth Marchesi Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070215>

CAPÍTULO 16..... 183

AVALIAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO DE PROFESSORES PARA INTERVENÇÃO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I COM QUEIXAS DE TDAH

Andréia dos Santos Felisbino Gomes

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Viviani Massad Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070216>

CAPÍTULO 17..... 192

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO EM FORMAÇÃO CONTINUADA EM PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA ANTROPOSÓFICA

Elenice Saporski Dias

Tania Stoltz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.70422070217>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 209

ÍNDICE REMISSIVO..... 210

CAPÍTULO 8

SCHEMAS, QUADROS E PAPÉIS: ELEMENTOS PARA UMA PSICOSSOCIOLOGIA COGNITIVA DA PERSUASÃO

Data de aceite: 01/02/2022

Jair Araújo de Lima

Graduado (UFRN), mestre (PUC-Minas),
Doutor em Ciências Sociais (PUC-Minas) e
pós-doutorando em Psicologia pela PUC-Minas

José Jorge de Miranda Neto

Psiquiatra, graduado em Medicina pela
UNIPAC/ MG

Juliane Ramalho dos Santos

Psiquiatra graduada em Medicina pela
UNIFESO/RJ

Maria Luísa Miranda Macedo

Graduanda em Medicina da UNITENAS,
Paracatu/ MG

RESUMO: O capítulo consiste numa análise teórica e empírica de fatos que apontam para a sedução da linguagem e da autoridade sobre os esquemas de pensamento e modos de comportamento humanos. O argumento central é de que *schemas*, quadros e a autoridade de certos papéis sociais são elementos fundamentais de indução do comportamento humano. O artigo pretendo oferecer uma contribuição à sociologia cognitiva dos processos de persuasão e influência social. Os nossos dados foram coletados em entrevistas, análise de situações e levantamento bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Psicossociologia cognitiva, sedução, teoria dos schemas, processos terapêuticos, persuasão, relações sociais.

ABSTRACT: The chapter consists of a theoretical and empirical analysis of facts that demonstrate the seduction of language and authority over human thought patterns and modes of behavior. The central argument is that frames or schemas are fundamental elements of induction of human behavior. The article intends to offer a contribution to the cognitive sociology of the processes of seduction or social influence. Our data were collected in interviews, situation analysis and bibliographic survey.

KEYWORDS: Cognitive psicossociology, seduction, schema theory, therapeutic processes, persuasion, social relations.

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em uma análise teórica e empírica de fatos que apontam o papel da sedução da linguagem e da autoridade sobre os esquemas de pensamento e modos de comportamento humanos.

Fundamentamo-nos em Lévi-Strauss, Freud, Wittgenstein, Bateson e Goffman para demonstrar como a linguagem e autoridade de certos papéis sociais têm poder de induzir comportamentos e contribuem para a persuasão em processos sociais, consistindo naquilo que denominamos *a sedução da linguagem*. Os nossos dados foram coletados em entrevistas, análise de situações e levantamento bibliográfico.

A MAGIA DA PALAVRAS E A FUNÇÃO DA AUTORIDADE

Os dois mecanismos básicos e fundamentais pelos quais os agentes humanos exercem influência sobre outros agentes são dois: as palavras e a autoridade (ou papel social). Desde *A retórica* de Aristóteles (2005) – datada de 350 a.C. – é sabido que as palavras (e por extensão, argumentos) e papéis sociais são capazes de *seduzir*¹ as pessoas, isto é, conduzir para onde se quer que elas vão. Estudos de retórica e da filosofia da linguagem – de Aristóteles a Perelman e passando por Wittgenstein – apontam que a linguagem é um meio de sedução e persuasão em processos sociais.

Em 1956 Wittgenstein publica as *Investigações filosóficas* (Wittgenstein, 2009 [1953]) afirmou, no § 109, que: “A filosofia é uma luta contra o feitiço da nossa compreensão pelos meios da nossa linguagem.” (§109, IF, p.82). O enunciado formula que a linguagem é um meio para a sedução, um mecanismo da persuasão.

A antropologia social/cultural não ficou alheia ao estudo da linguagem. Em 1949 Lévi-Strauss (2017a[1949a], 2017b [1949b]) revisitou, em seus dois famosos ensaios antropológicos, um tema de Marcel Mauss (2003 [1916]). A fontes do artigo de Mauss são relatos diários de missionários cristãos coletados por James Frazer e Franz Boas.

O fenômeno da *sugestão* é apresentado, mas, é a explicação do mecanismo pelo qual a sugestão atua que nos interessa. Os três autores atribuem, respectivamente, o fenômeno ao poder coletivo por meio da *linguagem* (Lévi-Strauss), ao *poder da coletividade* (Mauss), à *autoridade* legisladora e ao *efeito psicológico* da “onipotência do pensamento” (Freud).

O mesmo fenômeno, estudado a partir das mesmas fontes, haviam sido utilizadas por Freud em seu *Totem e tabu* (2013 [1913])². De fato, tanto o artigo de Mauss (2003 [1926]) quanto os de Lévi-Strauss (2017a[1949a], 2017b [1949b]) conversam com o texto de Freud (2013 [1913]). O interesse de Freud no assunto se deu via estudo da sugestão hipnótica (influenciado por Charcot) e pela psicologia coletiva ou cultural nascente (sob a influência de Wundt). Nos três relatos – considerando os dois artigos de Lévi-Strauss, que têm a mesma data, como um só – somos apresentados ao fenômeno da “morte sugerida” (Mauss, 2003 [1916]), do “enfeitiçamento”, da “morte por conjuração” ou “eficácia

1 Em *latim*, derivado de *seducere*, termo no qual o prefixo “se” significa “tirar” e a raiz “ducere” implica “guiar”, “portar”, “levar”. Assim, se *educere* (educar) significa conduzir num caminho, *seducere* denota tirar do bom caminho (Cf. Grimal, 1993). Mas, para Aristóteles (2005) a *seducere* é uma forma de *educere* pela retórica, isto é, pelo discurso eloquente. Portanto, a *seducere* pode ser *positiva*.

2 O motivo teórico principal de Freud é o tabu e o totem em si mesmos, umas vez que é deles que irá derivar a sua teoria do “complexo de Édipo”. Outras fontes de Freud foram J. Long (*Totam*, 1791), Andrew Long (*The secret of totem*, 1905), além de James G. Frazer (*Totemism and exogamy*, 1910), E. Westermarck (*The origin and development of the moral ideas*, 1906) e Wilhelm Wundt (*Völkerpsychology*, 1916). Nesta obra, o artigo de H. Hubert e M. Mauss (*Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*, 1899) é mencionado e *As formas elementares da vida religiosa* (1912) de Durkheim é citada para referenciar uma contribuição à “teoria sociológica do totemismo” à qual Freud contrapõe a sua proposta psicanalítica do “complexo de Édipo” como origem *inconsciente* do Tabu do incesto e do totemismo, tese muito frágil que, mesmo Freud, vai tentando nos convencer aos poucos, depois de admitir que se trata apenas de “uma hipótese que talvez pareça fantástica” (Freud, 2013 [1913]), p.147) ou de uma “hipótese de monstruosa aparência” (Freud, 2013 [1913]), p.148).

simbólica” (Lévi-Strauss, 2017a[1949a], 2017b [1949b]), o “enfeitiçamento” (mais uma vez) e a “doença do tabu” (Freud, 2013 [1913], p.21).

Como as fontes dos relatos dos três textos são as mesmas, citaremos o relato de apenas uma dela para nos inteirar do fenômeno:

Desde os trabalhos de Cannon (1942) [Walter B. Cannon {1871-1945}], percebe-se com mais clareza os *mecanismos psicossociológicos subjacentes* aos casos de morte por conjuração ou feitiço, atestados em várias regiões do mundo: um indivíduo consciente de que é objeto de um malefício fica *profundamente convencido, pelas tradições mais solenes de seu grupo*, de que está condenado, *e parentes e amigos compartilham a certeza*. A partir de então, a comunidade se retrai, todos se afastam do maldito e se comportam para com ele como se, além de já estar morto, representasse uma fonte de perigo para todos os que o cercam. Em toda ocasião e em cada um de seus gestos, *o corpo social sugere a morte à pobre vítima, que não tenta escapar do que considera ser seu inelutável destino*. E logo são celebrados para ela os ritos sagrados que a conduzirão ao reino das trevas. Brutalmente alijado, de saída, de seus laços familiares e sociais, e excluído de todas as funções e atividades por intermédio das quais o indivíduo tomava consciência de si mesmo, e enfrentando em seguida as mesmas forças imperiosas, novamente conjuradas com o único propósito de bani-lo do reino dos vivos, *o enfeitado cede à força combinada do terror que sente e da retirada súbita e total dos múltiplos sistemas de referência fornecidos pela convivência do grupo* e, finalmente, à sua inversão definitiva quando, de vivo e sujeito de direitos e de obrigações, passa a ser proclamado morto, objeto de temor, de ritos e de proibições. *A integridade física não resiste* à dissolução da personalidade social (Lévi-Strauss, 2017a [1949a], p.167, grifo nosso).

No início do século XX, Cannon (1915, 1932) formulou o famoso conceito de “homeostase” a partir da compreensão da psicossomática do poder das ideias sobre o corpo. Embora o relato acima pareça já ter ofertado a resposta psicossociológica para a existência do fenômeno, após uma linha seguintes Lévi-Strauss questiona: “Como esses fenômenos complexos se expressam no plano fisiológico?” (Lévi-Strauss, 2017a[1949a], p.168). Freud (2013 [1913]) já havia elaborado uma resposta a essa pergunta, ao explicar que “pode-se dizer, então, que o princípio que dirige a magia, a técnica da modalidade animista de pensamento, é o princípio da ‘onipotência dos pensamentos’.” (Freud, 2013 [1913], p.85). Freud entende que “a feitiçaria é, no essencial, a arte de influenciar os espíritos [...]” (Freud, 2013 [1913], p.77) e seu mecanismo consiste em que aqueles que (para mal ou para bem) são por ela influenciados “tomam erradamente um vínculo ideal por um real.” (Freud, 2013 [1913], p. 77; repete em p.82). Então, aquilo que Lévi-Strauss (2017a[1949a], 2017b [1949b]) chamou de “eficácia simbólica” – baseada na teoria do símbolo, sobretudo, de Saussure e, também, no conceito psicanalítico de “ab-reação”³ –,

3 A ab-reação consiste numa *catarse* [energia] emocional descarregada, pela qual um indivíduo experimenta uma sensação de alívio (psicológico, com efeitos físicos) de tensões acompanhavam a recordação de um acontecimento traumático. As catarses coletivas [em shows, manifestações políticas e culturais, em estádios de futebol, fazer parte de um “público” no teatro ou cinema, entre outras, também provocam bem-estar e alívio de tensão. Um local onde a ab-reação costuma ser provocada, por exemplo, e no processo psicoterápico. Nestes termos, como diz Hillman (2010) as “ficções” podem adoecer (como no caso da morte por enfeitiçamento dos povos antigos) e podem curar (como no

Freud chamou de “arte” (Freud, 2013 [1913], p.77) e “técnica” (Freud, 2013 [1913], p.77) de influenciar os espíritos.

Em textos anteriores (Freud, 2003 [1888], 2003 [1889], 2003 [1891], 2003 [1896]), Freud havia feito uso do fenômeno da “sugestão” para explicar os fenômenos de adoecimento e, sobretudo, da cura por meio da hipnose. A “sugestão” foi definida – desde Charcot – como “uma ideia consciente que foi introduzida mediante uma influência externa.” (Freud, 2003 [1888], p.11). Já em *A arte retórica*, Aristóteles (Estagira, 384 a.C.- Atenas, 322 a.C.) havia formulado que a *seducere* é uma ideia *induzida* em alguém por um sujeito experiente em seduzir/persuadir. O que Aristóteles aparentemente desconhecia era o poder da *seducere* em induzir a morte “natural” nas pessoas por meio da sugestão. O mecanismo da “morte por sugestão” foi desvendado pela medicina psicossomática, como observou Freud (2003 [1889]), trata-se da “influência do cérebro sobre as funções orgânicas.” (p.29). Então, a psicossomática descobriria que pessoas podem adoecer, curar-se e, até mesmo, morrer por “efeitos de ideias” (Freud, 2003 [1889], p.30). O poder das ideias sobre a mente era conhecido desde Platão (Atenas, 428/427 – Atenas, 348/347 a.C.), o que foi comprovado apenas a partir do século XIX foi a influências dos estados mentais (e, por extensão, das ideias e pensamentos) sobre a saúde ou doença do corpo, sobre a vida e morte dos seres humanos.

Em meados do século XX ocorre o *linguistic turn* que traz a influências da linguagem sobre a mente e o pensamento, e na psicologia ocorre o *cognitive turn* (De Mey,1992) que fundamenta a concepção de que modelos mentais influenciam o comportamento, a *psique* e, por extensão, a saúde corporal.

O mecanismo evolutivo de adaptação à realidade, que nos outorgou a consciência e a reflexividade, tornou o nosso sistema de processamento de informações (a mente e o sistema nervoso) sensível à linguagem e às palavras (Cf. Huxley, 2009 [1954]). Por isso, a linguagem pode nos “enfeitiçar”, como ponderou Wittgenstein.

Assim, o mecanismo pelo qual os *atos de fala* podem afetar as nossas atitudes e comportamentos deriva desta adaptação evolutiva do homem confinada na sua invenção da linguagem. A linguagem é uma *estrutura* social que incide tanto na mente dos sujeitos quanto nas interações sociais (Mead, 1968 [1934]; Searle, 1997, 1998; Vygotsky, 1987 [1930]; 2003 [1934]). A formação/construção social da mente implica uma adesão do sistema nervoso às propriedades da linguagem. A eficácia dos *atos de fala* e *retóricos* – conceitos contemporâneos que substituem a noção de *eficácia simbólica* – deriva desta propriedade que os seres humanos adquiriram de poderem ser afetados *sugestivamente* por declarações de terceiros, uma propriedade da comunicação.

John L. Austin, em seu *How to do things with words* (1962), informa que a *agência* e a *intencionalidade* aparecem em cada evento em que um sujeito reflexivo faz uso de palavras para realizar os seus intentos. Para Austin as palavras *transportam* intenções e injunções,

 caso das catarses coletivas ou na psicoterapia.

ocasionava a eficácia simbólica aos atos do feiticeiro. Assim, “a primeira realização teórica do ser humano – a criação de espíritos – teria nascido da mesma fonte que as primeiras restrições morais a que ele se sujeitou, os preceitos dos tabus.” (Freud, 2013 [1913], p.93).

Freud afirmou que o animismo e a magia emergiram da “necessidade prática de sujeitar o mundo.” (2013 [1913], p.76). Em tal sujeição, tomou-se “erradamente um vínculo [causal] ideal por um real.” (2013 [1913]), p.77).

Por sua vez, Lévi-Strauss, embora afirme que o objeto de sua análise “é mais psicológico do que sociológico” (Lévi-Strauss, 2017a[1949a], p.168), ele termina por tecer a tese (sociológica) de que “a situação mágica é um fenômeno de consenso” (p.169). Mas, não deixa de observar que *a maior parte* dos feiticeiros, em razão do domínio raciocinado das *técnicas* de magia, trocavam a “credulidade [pelo] espírito crítico” (p.169), quando, então, passavam a fazer uso da “astúcia [...], principalmente vivendo o seu *papel*.” (p.174, grifo nosso). Tais feiticeiros, portanto, faziam uso da “credulidade” (ou da crença) para realizar “manipulações” (p.174), “espertezas” (p.174), “prestidigitação” (p.175), “arte de fingir” (p.175) e “simulação” (p.175). Existia, até mesmo, uma “satisfação de dominar a sua audiência.” (p.175). Muitos xamãs se utilizavam de “espiões encarregados de escutar conversas particulares e trazer em segredo” (p.175) as informações coletadas. Assim, a arte e ofício do feiticeiro era um aprendizado de técnicas *performativas* como “a técnica para vomitar” (p.175) e:

[...] a [técnica] *ars magna* [criado por] [...] uma *escola* xamânica da costa noroeste do Pacífico, a saber, o uso de uma espécie de penugem que o prático esconde num canto da boca e cospe no momento oportuno, molhado no sangue da língua que ele mordeu ou que fez sair das gengivas, para mostrar solenemente ao doente e aos demais presentes, como corpo patológico expulso em decorrência de suas sucções e manipulações. (Lévi-Strauss, 2017a[1949a], p.175, grifo nosso).

Podemos compreender que Lévi-Strauss (2017a [1949a]) afirmou que o objeto de sua análise é “mais psicológico do que sociológico” pelo fato de que a doença, morte ou cura das vítimas do *enfeitamento* se davam pela via da sugestão como efeito da *ab-reação* (Lévi-Strauss, 2017b [1949b]), p.199). Por isso, ele relata que:

Um indígena australiano, vítima de um feitiço desse gênero no mês de abril de 1956, foi levado moribundo para o hospital de Darwin. Ligado a um pulmão artificial e alimentado por meio de uma sonda, foi-se recuperando pouco a pouco, convencido [desta vez] de que “a magia do homem branco é mais forte”. (Lévi-Strauss, 2017a [1949a], p.167-168).

Lévi-Strauss declara em *A eficácia simbólica* de que: “A cura xamânica parece ter de fato um exato equivalente da cura psicanalítica.” (Lévi-Strauss, 2017b [1949b]), p.199), isto é, ambas seriam “curas psicológicas” (p.191) fundamentadas num “mito social” (p.199), produtos da *suggestere*.

Hillman (1998) ao tratar das *ficções que curam* admite que a “cura psicológica”

ampara-se em ficções, exatamente pelo fato de que o adoecimento também tem como fundamento ficções que se originam na *psique* dos pacientes:

A psicanálise é um trabalho de narrações imaginativa no campo da *poiesis*, que significa simplesmente 'fabricação', e que entendo como 'fabricado na imaginação por palavras'. Nosso trabalho pertence mais particularmente à *retórica* da *poiesis*, ou seja, o poder persuasivo de imaginar em palavras [...]. (p.12, grifo original).

Assim, pensamos que Lévi-Strauss percebeu corretamente a estrutura do adoecimento e cura psíquicos.

Quando Hillman (1998) informa que muitas pessoas que chegam doentes nos consultórios psicológicos são vítimas “não de sua história (*history*), mas da *estória* (*story*) na qual [têm] [...] colocado a sua história [*history*])” (p.32, colchetes nosso), é pelo fato de que tais “problemas psicológicos” são resultado de um *enquadramento* de sua vida em um *esquema cognitivo* equivocado.

Pelo que, continua Hillman (1998) afirmando que quando um terapeuta percebe qual é o caso, ele situa o “problema” do paciente em “uma nova trama” (p.32). Então: “A terapia bem-sucedida é pois a colaboração entre ficções, uma revisão da *estória* (*story*) para uma trama mais inteligente, mais imaginativa, o que também significa um sentido de *mythos* em todas as partes da história (*history*).” (p.33).

Não se cura um “doente” da *psique* sem “ficções terapêuticas” (p.27), “uma ficção de cura” (p.51). Por isso, Hillman (1998) afirma que a terapia é uma mudança ficcional do *quadro* em que emolduramos as nossas experiências, do *esquema cognitivo* pelo qual interpretamos as nossas vivências: “A terapia requer ficções das realidades literais como material primordial no qual trabalha.” (p.49). Assim, Hillman (1998) elabora uma máxima:

O modo como imaginamos nossa vida é o modo como continuaremos a vivê-la. Pois a maneira pela qual contamos a nós mesmos a que está acontecendo é gênero por meio do qual os eventos se tornam experiências. Não existem eventos nus, [...] usamos as palavras para nos persuadirmos a respeito de nós mesmos [...]. (p.41).

O *quadro* é definidor da forma como reagimos às ideias dos outros e às nossas próprias ideias. Nos termos de um conhecido princípio de Gregory Bateson: “Existe uma ecologia da ideias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas.” (Bateson, 1972 [1942], p.492). Assim, “um trauma não é o que aconteceu, mas a forma como vemos o que aconteceu. Um trauma não é um evento patológico, mas uma imagem patológica, que se tornou intolerável.” (Hillman, 1998, p.76).

QUADROS, SCHEMAS E METACOMUNICAÇÃO

Considerando tudo o que foi dito até aqui – e agora aplicando o quadro teórico apresentado – podemos seguir na análise de *quadros sociológicos* proposta por Erving

Goffman.

A análise de *quadros* de Goffman fundamenta-se numa concepção cibernética da comunicação. O *quadro* para Goffman é um *modelo cognitivo*, uma *estrutura de crenças* mobilizadas durante uma interação para fundamentar a *atmosfera mental* das trocas entre os agentes. De fato, o conceito de *quadro* de Goffman fundamenta-se no chamado “teorema” ou “lei” de W.I. Thomas: “Se as pessoas definem certas situações como reais, elas são reais em suas consequências.” (Thomas; Thomas, 1928, p.571-572; Thomas, 1967, p.42). Nas ciências sociais, diz-nos Goffman (2006 [1974]), “Utilizamos o termo ‘causalidade’, para referir-nos ao efeito cego da natureza e ao efeito intencional do homem, considerando o primeiro como uma sequência infinitamente prolongada de efeitos causados e causantes e o segundo como algo de que alguma forma começa com uma decisão mental.” (p.47).]

A *cena* ou *cenário* e os *papéis* envolvidos configuram a *situação* interativa. Não podemos subscrever o princípio behaviorista *radical* de que o ambiente age primeiro, mas, podemos admitir com Latour (2012) que “os objetos também agem.” (p.97). Um *papel* age definindo a posição dos interactantes durante a interação.

A teoria do *schema*, tanto a linguística (Rumelhart, 1980) quanto a psicológica (Leahy, 2016; Young, 2003; Young; Klosko; Weishaar, 2008), têm fundamento na concepção de que as pessoas pensam e agem sob a influências de *esquemas cognitivos pessoais* e/ou *coletivos*, respectivamente adquiridos pela vivência pessoal ou por culturas grupais nos quais foram socializadas. Pelo que tais *schemas* tornam-se padrões perceptivos (*mapas*) pelo quais as pessoas organizam o seu pensamento e assumem posicionamentos em relação aos fatos da vida. É certo que “o *quadro* é em essência um símbolo e não uma *duplicata daquilo que representa*” (Langer, 1990 [1942], p.77, grifo original)⁴, assim como: “Um mapa não é o território que representa.” (Korzybski, 1958, p.60).

A teoria do *schema* foi influenciada por Bateson e por Goffman. A noção de enquadramento ou *quadro* foi originalmente proposta por Gregory Bateson em 1954 na realização de um estudo de etologia e psiquiatria. Para Bateson (1954, 1956) o *enquadre* é uma “atmosfera mental” que os enunciados linguísticos produzem entre os parceiros da interação.

Para Bateson e Goffman as pessoas não somente percebem que existem *delimitações circunstanciais* sobre o que ocorre numa interação, elas também elaboram hipóteses as lançam para dentro dessas delimitações. Goffman (2006 [1974]) apropria-se do termo *quadro*, vinte anos após Bateson tê-lo lançado, no seu *Frame analysis* (2006 [1974]).⁵

A popularização do termo *frame* por Goffman possibilitou os primeiros estudos da teoria dos *schemas*. Mendonça e Simões (2012) postulam que Goffman “desenvolve o conceito de enquadramento em diálogo com o pragmatismo de William James, a

⁴ Para Langer (1990 [1942]) “o quadro [é] uma moldura, um ângulo de perspectiva.” (p.17).

⁵ Goffman e Bateson foram amigos e participaram da Escola de Palo Alto (Cf. Wittezaele; Garcia, 1994).

fenomenologia de Schütz, a etnometodologia de Garfinkel e a ideia batesoniana de *enquadre*.” (p.189).

O conceito de *quadros* em Goffman aponta que existem *sequências interativas* numa situação de interação. Goffman define *quadro* como sendo uma rede de princípios e critérios que regem as interações e encaminham o engajamento subjetivo dos envolvidos. Tais mecanismos organizadores da interação permitem a “definição da situação” pelos envolvidos. Tanto Bateson (1954) quanto Goffman (2006 [1974]) fazem referência ao “teorema de Thomas” (Thomas, 1928, 1967) mencionado, pela primeira vez, em 1928.

Bateson (1954) e Goffman (2006 [1974]) traduzem a “lei de Thomas” nos termos de que quando se encontram em situações interativas, os atores procuram compreender “qual é o jogo”, quais as regras que determinam a interação, e tomam os *posicionamentos* necessários para levar a interação adiante. Os *quadros* são padrões que os indivíduos utilizam para *organizar a sua cognição da realidade*, um *processo de perspectivação e enquadramento* dos fatos. O *frame* é, em uma interação, o equivalente a enquadramento em fotografia e ao emolduramento em um quadro. Implica a escolha de um ângulo específico e implica a decisão de abarcar ou deixar de fora certos aspectos da realidade (fotografada ou artisticamente elaborada).

O termo *quadro* [*frame*], como já vimos, foi assumido na *psicologia social cognitiva* – na *teoria dos schemas* – sendo os créditos a Goffman explícitos neste campo. Assim, Eysenck e Keane (2010) definem *frame* como “um agrupamento estruturado de conceitos; normalmente ele envolve conhecimento genérico e poderá ser utilizado para representar eventos, sequência de eventos, preceitos, situações, relações e até mesmo objetos.” (p. 245). Schank e Abelson (1977, p.136), compreenderam o *quadro* como um *roteiro*, uma sequência de ações ordenadas e apropriadas para um dado contexto espaço-temporal e organizadas em torno de um *objetivo*. A metáfora do *roteiro* vem, de fato, do teatro, os roteiros especificam os atores, as ações e outros elementos necessários para a realização de um certo *objetivo* dentro de uma *cena*.

Goffman (2006 [1974]), com efeito, indicou que o *quadro* é simultaneamente um “esquema mental” (tal como em Bateson) que define a situação para os actantes e um “roteiro” ou “*script*” (tal como em Garfinkel) em que as ações dos atores são indexadas segunda as normas que regem uma tal interação⁶.

Considerando o quadro teórico apresentado no início deste texto, o fato que mais nos interessa neste momento do capítulo é que o *quadro* e/ou o *enquadre* tem um efeito *segestere* nos pares de uma interação. O *quadro* enquanto “esquema” funciona como uma *pré-suasão* (assim como os papéis e os *status*) e *sugere* uma forma de *perceber* o

6 Os *quadros* não são estáticos, não se tornam hábitos por passividade, pelo contrário, Rumelhart e Norman (1981) propuseram três modos básicos em que pode ocorrer *aprendizagem* dentro de um sistema baseado em esquemas, são eles: a) incorporação – acréscimo de um novo esquema ao já existente, b) sintonização – elaboração e refinamento dos conceitos de um esquema por meio da experiência, c) reestruturação – criação de um novo esquema ou por meio de analogia ou por meio de indução de esquema.

conteúdo do que está ocorrendo na interação e enquanto *script* indica formas apropriadas de as pessoas agirem numa interação; o que ocasiona o poder *persuasivo* do ator que, por consciência estratégica, deseja produzir efeitos automáticos ou apassivadores na vítima que, embora sendo um agente reflexivo, pode vir a assumir uma postura passiva na interação, *por escolha*, em função do enquadre que o estrategista lhe impõe: tal como, “não precisa ser assertivo aqui, seja apenas educado e respeitador que as coisas sairão bem!”. Esta mensagem não é explícita, ao contrário, baseia-se e elementos implícitos como *tom de voz, gestualidade e expressão facial*, elementos que podem ser *manipulados* por seres humanos.

A *metacomunicação* é possível aos humanos - do mesmo que Bateson a notou em alguns macacos e gorilas – , e ela *tende* a nos levar a comportamentos automáticos, pois, *de imediato* ela exige de nós a *cooperação* e o *consenso* não o conflito.

Assim, a mobilização de impressões *pré-suasivas*, estrategicamente mobilizadas, tem a “capacidade de produzir nas pessoas um tipo singular de *consentimento automático* e *impensado*, ou seja, uma disposição em dizer ‘sim’ sem pensar primeiro.” (Cialdini, 1993, p.12, grifo nosso). Como as pessoas não interagem nuas e sim *vestidas* com roupas, papéis, autoridade e poder circunstancial, utilizando objetos de beleza e de *status* (batons, relógios, perfumes, etc.), todos estes elementos atuam como metacomunicação e instauram a persuasão. Os objetos *também* agem.

Tais *filtros* de experiências e da percepção tornam-se *backgrounds* de expectativa durante a interação. De fato, uma *cultura* é uma orientação cognitiva compartilhada por um grupo amplo chamado de “sociedade” e uma *subcultura* é uma mesma orientação cognitiva partilhada por um grupo menor. Segundo Goffman (2006 [1974]):

Os esquemas sociais [...] fornecem uma compreensão de fundo para os acontecimentos que incorporam a vontade, o objetivo e o esforço de controle de uma inteligência, de um agente vivo, sendo o principal deles o ser humano. (p.46).

Se é certo que os *graus de sugestibilidade* variam entre as constituições psíquicas e sociais dos sujeitos, todos somos suscetíveis – desde crianças (quando somos dependentes da orientação dos nossos pais e professores) – a dar crédito àqueles que detêm um conhecimento especializado sobre um assunto que desconhecemos. Essa tendência é razoável e prática, trata-se de uma postura “estratégica” (Hood, 2010, p.59) e “imensamente adaptativa” (Hood, 2010, p.59), uma vez que “podemos aprender sobre [e com] pessoas que nunca encontramos cara a cara [os nossos teóricos referenciais, inclusive], sobre locais onde nunca estivemos e sobre coisas que nunca fizemos (e que provavelmente nunca faremos).” (Hood, 2010, p.59, colchetes nosso).

O lado obscuro desta estratégia de aprendizado legítima é que se multiplicam nos cenários sociais os falsos especialistas (pessoas que se passam por especialista), os especialistas equivocados (especialistas que não dominam corretamente os conhecimentos

de sua área [como engenheiros que constroem viadutos, edifícios, barragens ou máquinas que demonstram defeitos graves]) e os especialistas mal intencionados (advogados que enganam os seus clientes, os vendedores que iludem os consumidores, etc.).

Como estamos sujeitos a “ficar na mão” (de onde vêm os termos, *manipulador* e *manipulado*) dos especialistas quando nos distanciamos da nossa *zona de competência pessoal*⁷, esta dependência (que é razoável) do especialista nos deixa expostos e vulneráveis à ação de enganadores. A ativação de um esquema sobre um especialista nos faz tomar uma atitude de abertura para o que especialista nos tem a dizer, ao que nos pode oferecer. A literatura de vendas e persuasão chama a ativação de um esquema como *ancoragem* ou *gatilho* (Bandler & La Valle, 1996).

Ao contrário do que se poderia pensar, o estudo dos *schemas* e dos *construtos pessoais* está situado no sociocognitivismo. Trata-se, portanto, de uma análise sociológica, visto que os *quadros* ou *esquemas* são construídos *em interação*, são fatos *relacionais*.

Assim como a linguagem, os esquemas são, nos termos de Van Dijk (1997), “estrutura e processos” e como afirmou Goffman (2006 [1974]): “[...] uma das conseqüências deste programa [social] de aprendizagem é a transformação do mundo num local que é sensivelmente regido por esquemas sociais e compreensível em função de tais esquemas.” (p.59, colchetes nosso).

AUTORIDADE, PERSUASÃO E TRAPAÇA EM VENDAS

Vejam, então, como um esquema ativa em nós certos sentimentos e nos encaminham para determinadas atitudes e comportamentos. No esquema de “vendedor de loja”, o qual tem uma estrutura cognitiva organizada com os seguintes componentes (ou variáveis):

- a) *Setting* da loja especializada nos produtos que me interessam, por isso estou nela;
- b) Produtos que me interessam;
- c) Vendedor educado, atencioso e com uniforme da loja;
- d) Informações sobre a minha “necessidade” de adquirir o “excelente” produto com o preço “mais em conta”;
- e) Assertivas de que seu “perder esta oportunidade” vou me arrepender;
- f) Pessoas com semblantes felizes e bem vestidas levando os produtos que compraram, “aproveitando a oportunidade”.

Todos os esses *gatilhos* sendo ativados na mente de uma pessoa fornecem o “esquema” do comprador feliz e realizado que deverá comprar para se tornar mais feliz

⁷ O quadro epistêmico no qual recebemos treinamento formal ou em que dedicamos tempo, leitura ou prática para adquirirmos o domínio de um assunto.

com a posse do novo produto. Trata-se uma *possessão habitual* abrangente, uma vez que o é similar a uma variada gama de vivência positiva no mundo do consumo.

Tudo *indica* que seremos mais felizes se adquirirmos um tal “excelente” produto a um preço tão “em conta”.

Uma das principais características desse *conhecimento habitual*, é que o indivíduo pode fazer inferências sobre um produto à venda, sem ter que comprovar *in loco* se o produto tem qualidade e se têm, de fato, necessidade de adquirir o produto. Este mecanismo da compra pela intervenção do vendedor é, habilmente, transferido (por um trabalho de *marketing* dos produtos) para as compras em prateleiras dos supermercados e de prateleiras *on line*.

A forma de exposição dos produtos ativa o esquema de “oportunidade” e “necessidade” de aquisição do mesmo. Mas também existem as prateleiras (em mercados, drogarias, padarias e lojas de conveniência) de *compras por impulso*. Aqui os produtos disponíveis são, com frequência, doces, salgados e guloseimas com preços baixos (na maior parte das vezes), dando a impressão de que “vale a pena” comprar o produto, uma vez que não é caro.

Todos esses agentes e objetos *agem conjuntamente* para desperta nos clientes, esquemas de necessidade de adquirir um produto. Então, temos:

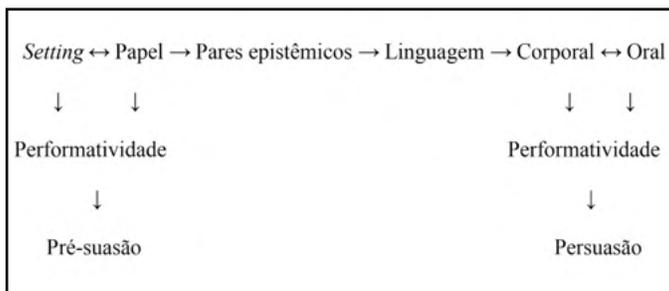


Figura 02: Modelo situacional da comunicação face a face persuasiva

No cotidiano, as pessoas *sabem* que existem assediadores, *sabem* que devem ser espertas para não terem prejuízo, o que as leva a serem enganadas não é tanto a inabilidade em realizar transações sociais “seguras” (que não acarretam o prejuízo pessoal), mas a habilidade do assediador em fazer usos de *mecanismos sociais* que interferem na percepção de suas vítimas para realizar o ator “cegar” as vítimas.

O estudo dos *modus operandi* do casos em que pessoas foram enganadas não revela a falta de raciocínio da vítimas, mas sim a criatividade e a *performatividade* dos enganadores em produzir ilusões.

Os assediadores fazem os *objetos* presentes na situação interativa (cenários, quadros interativos, linguagem, papéis sociais, ritos e formalidades) *agirem* em seu favor,

eles revelam grande competência em manipular as situações para iludir a vítima. O que estamos afirmando aqui que é que não existem “otários” (Cf. Goffman, 2013 [1952]), existem “operadores” imensamente competentes. As ideias que nos lançam os enganadores é que são poderosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que os fenômenos da sugestão venham a ocorrer, é necessário que um sujeito seja ativo e outro seja passivo (ou receptor) frente a (ou da) atividade do influenciador. Esta lição Freud e seus seguidores tiraram da *teoria da sedução* dos estudos do hipnotismo e do sado-masochismo e aplicaram completamente ao processo terapêutico psicanalítico.

Mas, o termo pode ser enganoso. A passividade do agente receptor de uma influência não é inatividade e sim uma *adesão*⁸. Não se toma a influência do outro *ex nihilo*, a aceitação dos pensamentos de outrem é *realizada* por um sujeito que é convencido⁹.

Se aceitação das ideias de outrem fossem realizadas por um processo mágico e inconsciente não seriam necessários à comunicação humana os processos persuasivos e retóricos. Embora, o freudiano Laplanche (1988), em sua *Teoria da sedução generalizada* afirme corretamente que “no plano da pura descrição comportamental, muito eficiente será aquele capaz de medir, numa relação interpessoal, quem é ativo e quem é passivo” (p.117), se a atividade e a passividade corresponderem (respectivamente) à ação de enviar uma ideia e à inação de quem a recebe, a *sedução* não seria necessária. À ação de envio de uma ideia para a mente de um par epistêmico corresponde a ação de *recepção* de ideia do outro por parte do sujeito que *aceita* a ideia¹⁰. A recepção não é inação, mas *adesão*¹¹.

Não existem “otários” (Goffman, 2013 [1952]) e sim assediadores muito inventivos. É por isso que a melhor metáfora para a relação interpessoal enganosa é a do jogador (de xadrez, de pôquer, etc.) ou do lutador (de artes marciais) que *induz* o seu oponente ao erro.

A retórica, a persuasão, a sedução, a *sugestere* são necessárias pelo fato de que o indivíduo reflexivo que as utiliza *sabe* que aqueles a quem dirige as artimanhas são suficientemente reflexivos para não “caírem” em estratégias simplistas e, portanto, inúteis. O que o estudo dos *modus operandi* das situações de persuasão/sedução revelamos é uma imensa capacidade criativa e um extenso repertório de astúcias por parte dos

8 “A mente humana [...] continua sempre ativa.” (Langer, 1990 [1942], p.22).

9 Freud (2003 [1891],) observou que: “a pessoa sob hipnose ainda é capaz de ajuizar sobre o seu próprio estado e o acha cômico.” (p.41). E, ainda: “o que temos diante nós não é um autômato psíquico, mas um ser dotado de poder de crítica e de capacidade de julgamento [...]” (2003 [1891], p.43).

10 Em três de nossas entrevistas, percebemos os entrevistados fazendo uso da expressão “jogar uma ideia na cabeça”, alguém disse: “ela lançou a ideia para ver se ficava na minha cabeça”, outro informou: “nós [pessoas de um ramo profissional] jogamos a ideia na cabeça deles [os clientes].” E, ainda, outro relatou: “trata-se de uma ideia que é lançada na cabeça, tipo, colar-colou.” A descrição dos atores é completamente relacionada aos fatos. Pelo que Giddens (1997) está certo ao formular que: “[...] diferentemente dos objetos na natureza, os homens são seres autoconscientes, que conferem sentido e propósitos ao que fazem. Jamais podemos descrever a vida social de modo acurado a menos que, antes, apreendamos os conceitos que as pessoas aplicam a seus comportamentos.” (p.12-13).

11 Freud (2003 [1888]) define a “sugestão, uma ideia *consciente* que foi introduzida mediante uma influência externa.” (p.11, grifo nosso). A *intenção* é subliminar, a ideia *per se* não é. O efeito persuasivo emerge deste fato mesmo, a intenção não é transparente, mas, a ideia lançada parece *aceitável*.

enganadores e não a falta de esperteza daqueles que sucumbem aos artifícios elaborados pela “magia” da linguagem e pela autoridade dos papéis sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. *The structure of magic*. A book about language and therapy. Palo Alto, California, U.S.A: Science and Behavior Books, 1975.

_____. ; LA VALLE, John. *Engenharia da persuasão*. São Paulo: Editora Rocco, 1996.

BATESON, Gregory. “A theory of play and fantasy: A Report on theoretical aspects of the project for the study of the role of paradoxes of abstractions in communication.” In: *Psychiatric Research Reports*. (American Psychiatric Association). Vol. 02, p.39-51, 1955.

_____. “The message ‘this is play’”. In: SCHAFFNER, Bertram. (Ed.). *Group Processes: Transactions of the second conference*. New York: Josiah Macy, Jr. Foundation, 1956, p. 145–242.

_____. *Steps to an ecology of mind*. San Francisco: Chandler Publisher Company, 1972 [1942].

CANNON, Walter Bradford. *Bodily changes in pain, hunger, fear and rage*. New York: Appleton-Century, 1915.

_____. *The wisdom of the body*. New York: WW Norton, 1932.

CIALDINI, Robert B. *Influence: science and practice*. Published. New York: Harper Collins, 1993.

DE MEY, Marc. *The cognitive paradigm*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

DEWEY, John. *Reconstruction in Philosophy*. New York: Cosimo Classics, 2008 [1920].

EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T. *Cognitive Psychology: A Student’s Handbook*. (6th Edition). New York, NY: Psychology Press, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREUD, Sigmund. “Prefácio à tradução de *La suggestios* de Bernheim.” In: _____. *Artigos sobre hipnotismo e sugestão/A psicoterapia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 2003 [1888], p.09-20.

_____. “Resenha de Hipnotismo de August Forel.” In: _____. *Artigos sobre hipnotismo e sugestão/A psicoterapia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 2003 [1889], p.23-35.

_____. “Hipnose.” In: _____. *Artigos sobre hipnotismo e sugestão/A psicoterapia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 2003 [1891], p.36-46.

____. "Prefácio à segunda edição alemã [de *La suggestios* de Bernheim]." In: ____ . *Artigos sobre hipnotismo e sugestão/A psicoterapia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 2003 [1896], p.21-22.

____. *Totem e tabu*. São Paulo: Editora Penguin & Companhia das Letras, 2013 [1913].

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Sociology*. (3. ed.). Cambridge: Polity, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: los marcos de la experiência*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2006 [1974].

____. "De cómo calmar al primo. Algunos aspectos de la adaptación al fracasso." In: *Sociología Histórica*. Vol. 02, p.415-438, 2013 [1952].

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. São Paulo: Editora Bertand Brasil, 1993.

HILLMAN, James. *Healing fiction*. Woodstock, CT: Spring Publications, 1998.

HOOD, Bruce M. *Supersentido: porque acreditamos no inacreditável*. Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito, 2010.

HUSSERL, Edmund. *Experiencia y juicio*. Investigaciones acerca De la genealogía de la lógica. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1980 [1939].

HUXLEY, Aldous. *The Doors of perception*. [& Heaven and Hell]. New York: Harper Perennial, 2009 [1954].

KELLY, George A. *A Theory of personality*. The psychology of personal constructs. New York: W.W.Norton & Company, 1991 [1955].

KORZYBSKI, Alfred. *Science & sanity: an introduction to non-aristotelian systems and general semantics*. New York: Institut of General Semantics, 1958.

LANGER, Susanne K. *Philosophy in a New Key: a study in the symbolism of reason, rite and art*. (3rd Revised edition). Cambridge, MA: Harvard University Press; 1990 [1942].

LAPLANCHE, Jean. *Teoria da sedução generalizada (e outros ensaios)*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1988.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador, BA/Bauru, SP: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LEAHY, Robert L. *Terapia do esquema emocional: manual para o terapeuta*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. ____ . "O feiticeiro e sua magia." In: ____ . *Antropologia estrutural*. São Paulo: Editora UBU, 2017a[1949a], p.167-185.

_____. “A eficácia simbólica.” In: _____. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Editora UBU, 2017b [1949b], p.186-204.

MAUSS, Marcel. “Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade.” In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1916], p.345-164.

MEAD, George Herbert. *Espírito, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. 1ª edição, Buenos Aires, Editorial Paidós, 1968 [1934].

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. “Enquadramento. Diferentes operacionalizações analíticas de um conceitos.” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 27, n.79, junho, p.187-235, 2012.

PEYTARD, Jean. *Mikhail Bakhtine: Dialogisme et analyse du discours*. Paris: Bertrand-Lacost, 1995.

RUMELHART, David. E. “Schemata: the building blocks of cognition.” In: SPIRO, Rand. J.; BRUCE, Bertram, C.; BREWER, Willian. (Ed.) *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1980, p. 33- 58.

SCHANK, Roger C.; ABELSON, Robert P. *Scripts, plans, goals and understanding. An inquiry in human knowledge structures*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.

SEARLE, John R. *La construcción de la realidad social*. Barcelona: Paidós, 1997.

_____. *Mind, Language and Society. Philosophy in the Real World*. New York: Basic Books, 1998.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Verbal behavior*. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1978 [1957].

THOMAS, William Isaac ; THOMAS, Dorothy Swaine. *The child in America: behavior problems and programs*. New York: Knopf Publishing House, 1928.

_____. *The Unadjusted Girl. With Cases and Standpoint for Behavioral Analysis*. W.I. Thomas. New York/ London: Harper & Row, 1967.

VAN DIJK, Teun A. (Ed.). *Discourse as structure and processes*. London: Sage Publications, 1997.

VAN VELSEN, Jaap. “A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado.” In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.437-468.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987 [1930].

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1934].

WITTEZAELE, Jean-Jacques; GARCIA, Teresa. **La escuela de Palo Alto**. Historia y evolución de las ideas esenciales. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. 3ª. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2001 [1922].

_____. *Investigações filosóficas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009 [1953].

YOUNG, Jeffrey E. *Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003.

_____. ; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aceitação e compromisso 110

Acolhimento 21, 29, 32, 34, 35, 38, 39, 47, 48, 54, 55, 57, 141, 166, 197

Adoecimento psíquico 76, 78

Adolescência 5, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 69, 79, 148, 158

Amadurecimento 1, 2, 4, 5, 7, 21, 25, 27, 28, 30, 36, 37, 38, 39

Apoio 126, 129, 134, 136

Aprendizagem 9, 25, 78, 80, 81, 92, 94, 114, 119, 127, 183, 184, 185, 186, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206

Atividade física 15, 79, 120, 121, 122, 123, 125

C

Calidad de vida 126, 129, 131, 132, 136, 138, 140

Cognição 12, 92, 183, 199

Comportamento antissocial 9, 10, 13

Conjugabilidade 152

Constituição psíquica 3, 43, 45, 46

Crenças nucleares 110

Crianças 3, 4, 10, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 39, 79, 81, 93, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 158, 159, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

Criatividade 9, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 27, 35, 37, 39, 95, 143, 144, 198

D

Depressão 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 80, 111, 118, 119, 169, 170

Desarrollo de la capacidad 126

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 57, 67, 72, 76, 77, 81, 82, 83, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 141, 142, 143, 144, 148, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 173, 183, 184, 185, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209

Determinante social 76

Distorções cognitivas 110, 111, 116

Divórcio 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

E

Efeitos da separação 152

Emoções 5, 24, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 143, 149, 169, 184

Escola 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 29, 58, 60, 89, 91, 122, 127, 148, 161, 183, 185, 194

Escuela inclusiva 126

Existencialismo 101, 118, 169, 172, 176, 177, 178

F

Formação continuada 10, 192, 193, 194, 195, 203, 205, 206

H

Habilidades motoras 121, 122, 123

Hospital 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 89, 164, 180

I

Imperativo hedonista 101, 102, 108

Infantojuvenil 1, 2

Interação social 24, 115, 121, 125

Intervenção 21, 22, 29, 30, 32, 52, 53, 54, 57, 79, 95, 123, 124, 143, 170, 183, 185, 187, 188, 189, 190, 191

M

Melancolia 47, 49, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

O

Objeto-transicional 21

P

Parentalidade 152, 153, 160

Persuasão 84, 85, 93, 94, 96, 97

Pertencimento 18, 62, 68, 110, 111, 173, 198, 204, 205

Presença do analista 51, 57

Processos terapêuticos 84

Proteção social 6, 76, 77, 78, 82, 83

Psicanálise 1, 19, 21, 23, 25, 43, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 90, 118, 209

Psicologia 5, 21, 23, 43, 49, 51, 57, 58, 59, 60, 73, 74, 75, 83, 84, 85, 87, 92, 101, 102, 112,

118, 119, 145, 160, 161, 162, 163, 166, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 192, 193, 194, 195, 203, 205, 206, 209

Psicologia hospitalar 51, 57, 58, 181

Psicossociologia cognitiva 84

R

Relação familiar 1, 2, 3

Relações sociais 7, 84, 112, 115

S

Sedução 84, 85, 96, 98

Sentido da vida 163, 167, 170, 172, 176, 177, 178

Separação conjugal 152, 154, 158, 159, 160, 161

Sono 120, 121, 122, 123, 124, 148

Suicídio 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

T

TDAH 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

Técnicas terapêuticas 141

Teoria dos schemas 84, 91, 92

Terapia renal substitutiva 163, 164, 165, 181

Transhumanismo 101, 102, 105, 107

Transtorno do espectro autista 21, 22, 23, 24, 120, 121, 123, 125, 185

Trastorno del espectro del autismo 126, 127, 138

V

Vínculo 5, 21, 22, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 81, 86, 89, 114, 157, 170, 173

W

Winnicott 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 35, 36, 37, 39, 40

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

